

**Flagelo e sobrevivência:
A luta dos trabalhadores nas obras do DNOCS
durante as secas no Piauí (1940-1950)**

**Scourge and survival:
The struggle of workers at the DNOCS construction sites during
the droughts in Piauí (1940-1950)**

*Maria de Lourdes Andrade dos Santos*¹

*Francisco Gleison da Costa Monteiro*²

¹ Possui Graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí (2019), Especialização em História do Brasil pela Faculdade Metropolitana (2021) e Mestrado em História pela Universidade Federal do Piauí (2024). Tem como tema principal de estudos os trabalhadores nas frentes de serviços do DNOCS no Piauí, referente ao século XX. Possui interesses em: Políticas Públicas, trabalho, trabalhadores e migração.

² Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Atua no curso de graduação em História do CSHNB/UFPI e no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil/CMPP. Também já foi Diretor do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, gestão 2017-2021 e Coordenou o Projeto de Extensão História na comunidade: digitalização de documentos eclesiásticos na cidade Jaicós. É atualmente Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI, membro da Associação Nacional de História (ANPUH), da Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos (SEO) e do Núcleo de Pesquisa e Documentação em História (NUPEDOCH). É co-líder do Núcleo de Estudo e Pesquisa em História do Piauí Oitocentista/CNPq. Também atuou como Membro da Comissão de Classificação de Livros da área de História/CAPES no quadriênio (2016-2020). Tem experiência na área de História, com ênfase em Teoria e Metodologia da História, atuando principalmente nos seguintes temas: Historiografia Brasileira, Métodos e Técnicas

RESUMO

Este trabalho analisa as condições de vida dos trabalhadores nas frentes de serviço do DNOCS no Piauí entre 1940 e 1950, revelando a exploração da mão de obra dos retirantes. Esses trabalhadores, conhecidos como "cassacos", enfrentaram jornadas exaustivas e alimentação precária, desenvolvendo laços de solidariedade num ambiente de escassez. Utilizando documentos históricos, como folhas de pagamento, a proposta examina a dinâmica de trabalho e as disposições condicionais nas frentes de serviço, resgatando as experiências desses trabalhadores, sublinhando sua luta e resiliência. Buscaremos esquadrihar quais foram as suas principais ações e os seus impactos sociais e econômicos. Para tanto, usaremos como fontes os relatórios técnicos, folhas de pagamentos, jornais e os boletins do acervo do DNOCS- PI.

PALAVRAS-CHAVE: DNOCS; Seca; Piauí.

ABSTRACT

This paper analyzes the living conditions of workers on the DNOCS service fronts in Piauí between 1940 and 1950, revealing the exploitation of the labor force of the migrants. These workers, known as "cassacos", faced exhausting workdays and poor food, developing bonds of solidarity in an environment of scarcity. Using historical documents, such as payrolls, the proposal examines the work dynamics and conditional arrangements on the service fronts, rescuing the experiences of these workers, highlighting their struggle and resilience. We will seek to scrutinize their main actions and their social and economic impacts. To this end, we will use technical reports, payrolls, newspapers and bulletins from the DNOCS-PI collection as sources.

KEYWORDS: DNOCS; Drought; Piauí.

da Pesquisa, Ensino de História, Piauí Imperial e História Agrária, trabalho e trabalhadores no Império do Brasil.

Políticas de assistencialismo

No contexto histórico, a seca vem sendo registrada desde o século XVI, pelos viajantes aos quais passaram pelo Nordeste³. Em suas viagens exploratórias o Padre Jesuíta Fernão Cardim⁴, foi um dos primeiros a observar e escrever sobre a estiagem que assolava a região. Desde então, a falta de chuvas e as suas consequências, vem sendo abordada de diversas maneiras. Seja pelos estudiosos, pela literatura, pelos jornais ou por pessoas que enfrentaram a calamidade nos períodos das estiagens.

De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1995)⁵, o que tornou a seca de 1877 excepcional em relação às anteriores foi o contexto de crise econômica enfrentado pelas elites do Norte do Brasil na época. Essa crise já existente foi agravada pela estiagem, que afetou ainda mais a situação econômica da região. Como forma de angariar recursos para garantir sua própria sobrevivência e manter seu status social, essas elites passaram a denunciar a decadência do território e formularam discursos que transformaram a seca em um problema de grande proporção que precisava ser combatido.

Segundo uma pesquisa realizada pelo Professor Marcos Formiga⁶, através da SUDENE (A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), as

³ Atualmente conhecido como Nordeste, mas anteriormente pertencia a Região Norte.

⁴ O texto de Fernão Cardim está no livro: SPIX, Johann Baptist von e MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. Viagem pelo Brasil: 1817-1820. Trad. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968; 3 v

⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 14, n. 28, p. 111-120, 1994. Disponível em: https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=15.

⁶ Pronunciamento do superintendente da Sudene, Professo Marcos Formiga, na câmara da fiscalização e controle de câmara pelos deputados – Brasília, 01 de dezembro de 1999.

secas podem ser caracterizadas em três categorias; Seca hidrológica⁷; Seca agrícola⁸; Seca efetiva⁹. A finalidade desses estudos consiste em encontrar uma solução para que nos períodos de falta de chuvas, as consequências sejam menores, preparando assim a sociedade para enfrentar esse fenômeno natural.

As decorrências das secas no Nordeste ocasionaram muita desordem, miséria, migração e calamidade a população. Nesse cenário, abordaremos as políticas públicas que foram desenvolvidas no Piauí, através do DNOCS, como uma tentativa de auxílio e socorro àqueles que padeciam e se retiravam de suas casas, suas terras para tentar um meio de sobrevivência.

Esse elemento, cuja circulação atmosférica e terrestre é um fato, que observamos que anotamos que medimos, que registramos, que comparamos, que filiamos, de que organizamos preciosas estatísticas- não permitiu, ainda, até hoje ao ente humano- com toda a sua ciência acumulada, com todo sua técnica aperfeiçoadíssima, com leis imutáveis, a que obedece nas suas manifestações como fenômeno natural.¹⁰

O DNOCS é um órgão que foi criado para contribuir com a diminuição dos efeitos das secas, com estudos apropriados para ajudar o sertão nordestino no período de falta de chuvas. Estabeleceu-se em 1909 e tornou-se uma autarquia federal pela lei de nº 4229 de 01 / 06/ 1963, constituindo-se a primeira e maior entidade a realizar estudos sobre a estiagem e criar projetos específicos para diminuir o problema causado pela escassez de água.

⁷ Poucas chuvas, mas bem distribuídas, suficientes para as agriculturas, diminuição no volume de água acumulada.

⁸ Chuvas pouco distribuídas, não garantindo a colheita.

⁹ Baixa precipitação e má distribuição, impedito as safras e esgotamento dos reservatórios hídricos.

¹⁰ Reis, A. Obras Novas contra as Secas. p. 230

De acordo com a sua legislação, suas principais funções se destacariam entre: o beneficiamento de áreas e obras de proteção contra as secas e inundações; irrigação; radicação de população em comunidades de irrigantes ou em áreas especiais, abrangidas por seus projetos; subsidiariamente, outros assuntos que lhe sejam cometidos pelo Governo Federal, nos campos do saneamento básico, assistência às populações atingidas por calamidades públicas e cooperação com os Municípios.

Ao longo dos períodos de estiagem, fica evidente que a seca é um fenômeno natural e evitá-la não seria uma alternativa. A ideia de “combate” significa que alguns meios deveriam ser tomados, para que a população do sertão não precisasse passar fome, necessidades e migrar de suas terras. Diante disso, o DNOCS foi criado com a intenção de adotar um procedimento que armazenasse e distribuisse água nesses períodos, para que o problema fosse amenizado.

Antes de ser intitulado por DNOCS, o órgão possuiu outros nomes e outras funções, porém com a mesma finalidade. No início do século XX, o Governo Federal, através de estudos geológicos, decretou a criação do órgão de Inspeção de Obras Contra as Secas (IOCS), pelo decreto nº 7.619, em 21 de outubro de 1909. Em 1919, teve uma alteração no seu nome, concedida pelo presidente Nilo Peçanha, que acrescentou a palavra Federal ao órgão, passando assim a se chamar (IFOCS) Inspeção Federal de Obras Contra a Seca, pelo decreto de nº 13.687 e em 1945 passou a chamar-se Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS).

Durante o período de 1930 a 1945, o DNOCS, que ainda era intitulado por IFOCS, atuou principalmente na construção de estradas rodoviárias. Com o intuito de reestabelecer a economia, que girava em torno da produção de borracha de maniçoba, cera de carnaúba e amêndoa de babaçu. Isto posto, a

proposta desta pesquisa é evidenciar as transformações econômicas, sociais e urbanas sucedidas no Piauí, através do DNOCS, investigando assim como a sociedade estava composta e quais as principais mudanças que acarretaram na época.

Nossa análise partirá do pressuposto teórico do historiador britânico Edward Palmer Thompson¹¹, que trabalha os sujeitos marginalizados pela sociedade, nos permitindo um olhar para as subjetividades das classes, retratando a história e memória daqueles que foram invisibilizados, silenciados e excluídos. Nesse sentido, conectamos essa teoria diretamente com as atuações do DNOCS no sertão piauiense, que por muitas vezes se atentaram apenas para as obras da instituição, se esquecendo daqueles flagelados que foram essências para a dimensão de obras do órgão.

Segundo Cirilo, Montenegro e Campos¹², o semiárido representado por um quinto do território brasileiro, localizado no Nordeste, abrangendo os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Pernambuco, Sergipe e Bahia. Cerca de 18,5 a 8,6 milhões de pessoas vivem na zona rural. Caracterizada como uma região pobre em volume de escoamento de água, esse fato ocorre devido à variabilidade temporal e pelas características geológicas dominantes.

A IOCS foi o primeiro órgão federal criado com o objetivo de sistematizar o combate às secas periódicas que assolavam a região Nordeste. A construção de reservatórios hídricos, conhecidos como açudes, surgiu com o acontecimento das secas, nos anos de 1825-1830. Nessa época foram construídos reservatórios menores, mas com a grande seca de 1877 começou-se a construção

¹¹ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹² CIRILO, J. A.; MONTENEGRO, S. M. G.; CAMPUS, J. N. B. *A Questão da Água no Semiárido brasileiro*, BICUDO, C. E. de M.; TUNDISI, J. G.; SCHEUENSTUHI, M. C. B. (Org.) *In: Águas do Brasil, Análises Estratégicas*. 1 ed. – São Paulo: Instituto de Botânica, 2010, v. 1, p. 81-91.

de grandes reservatórios, anos mais tarde essa função seria dada ao DNOCS. A instituição foi estabelecida durante o governo do fluminense Nilo Peçanha, que exerceu a presidência da República por 17 meses (de junho de 1909 a novembro de 1910).

De acordo com Paulo de Brito Guerra, em sua obra “A Civilização da seca: o Nordeste é uma história mal contada”¹³ a aprovação da lei 3.965 de 25 de dezembro de 1919, nomeada como Epiácio Pessoa, foi a conquista mais importante realizada em todos os tempos de IOCS, IFOCS e DNOCS. A lei autorizava a construção de obras necessárias para a irrigação de terras cultiváveis no Nordeste brasileiro. A mesma também ficou conhecida como um “presente de natal” ao povo do sertão.

A lei 3.965 é clara “autoriza a construção de obras necessárias a irrigação de terras cultiváveis, no nordeste brasileiro e das outras providencias”. Em apenas nove artigos, tratava da construção das obras por administração e contato criava uma caixa especial para financiá-las, com recursos vindos de operações internas ou externas de uma quota de dois por cento da receita geral da República, dois a cinco por cento dos estados onde as obras se localizarem e do produto de venda ou arrendamento de terras cedidas pelo estado ou desapropriadas. À união cabia a administração e exploração das obras até reembolsar-se, quando as transferiria ao estado. Previa ainda o loteamento de terras para venda ou arrendamento, a assistência técnica, incluída a revenda de implementos e fertilizantes, e a comercialização de produtos¹⁴.

As ações iniciais do órgão foram destinadas ao reconhecimento científico do espaço sertanejo. O Então ministro da Viação, o cearense Francisco Sá, escolheu para ser o primeiro inspetor-chefe do órgão o engenheiro Miguel

¹³ GUERRA, Paulo de Brito. *A civilização da seca: o Nordeste é uma história mal contada*. Fortaleza: DNOCS, 1981.

¹⁴ GUERRA, Paulo de Brito. *A civilização da seca: o Nordeste é uma história mal contada*. Fortaleza: DNOCS, 1981, p. 59

Arrojado Lisboa, profundo conhecedor dos sertões e adepto da antropogeografia do alemão Friedrich Ratzel, cuja matriz entendia o progresso como uma ação coordenada entre homem e natureza. Arrojado Lisboa organizou administrativamente o órgão em três distritos com sedes em Fortaleza, Natal e Salvador.

Perante esses ciclos de secas, é notório que a sobrevivência da população, principalmente das classes pobres, seria quase impossível, sem o auxílio de políticas públicas que se destinasse a projetar meios de solucionar a falta de água. O DNOCS foi muito importante para a consolidação da sobrevivência e da economia no Nordeste, embora ao longo do tempo o órgão tenha recebido várias denúncias de não concluir as suas atividades e ter se inclinado a outras prioridades.

Trabalhadores nas frentes de serviços

Cassacos foi um termo que foi intitulado para chamar os trabalhadores que ocuparam as frentes de serviços da seca, pela a maneira a qual se vestiam, andavam, comiam e se agregavam no meio das estradas e campos, as vezes muitos distantes dos seus familiares. Estas comparações estavam atreladas aos animais cassacos, conhecidos também como gamba. “No caso do trabalhador cassaco, a aproximação pejorativa a um animal se deu em decorrência da sua roupagem de faminto que saía do seu lugar habitual de existência e iria viver na rota das obras públicas”¹⁵.

¹⁵ FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. Migrantes, retirantes, trabalhadores: memória, história e as representações em torno dos cassacos. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA, 1., 2014, Macapá. Anais... Amapá: Anpuh, 2014, p. 1-12.

Se milhares de sujeitos migraram para longe nas estiagens da década de 1950, outros milhares se tornaram obreiros justamente nas frentes de serviços das secas. Diversos trabalhadores permaneceram dentro dos seus estados e encontraram nas obras uma alternativa de sobrevivência enquanto a seca durasse. Chamados de cassacos, os homens ocupados nas construções carregavam para o cenário das obras suas diferentes histórias e condições de vida¹⁶.

O Piauí vivia uma onda progressista de se parecer com as grandes capitais modernas, e embora o estado estivesse sofrendo com as faltas de chuvas, sua situação ainda estava melhor do que outros estados, como o Ceará. É nesse cenário, que o Piauí recebe um grande número de flagelados, que tentavam fugir da seca, procurando aniquilar a fome. Os retirantes que chegavam se aglomeravam nos centros das cidades, gerando um grande caos. Para aqueles que mantinham o seu ideal em ter uma cidade moderna, que consistia em uma cidade limpa e sem aglomerações de “flagelados” causava grande incomodo. Esses migrantes foram marginalizados diversas vezes, pela considerada elite, que desejavam mantê-los longe dos centros urbano.

Diariamente afluem na cidade de Picos este estado VG inúmeros flagelados procedentes do Ceará, criando uma difícil situação e pânico na população do município. Devido principalmente a escassez de gêneros alimentícios e crescentes aumentos de pessoas sem trabalho como meio mais viável para melhorar tal situação, peço que venha lembrar e autorizar a INSPETORIA DE OBRAS CONTRA AS SECAS a contratar serviços na rodovia de Teresina a Picos, partindo aos mesmo tempo dos extremos, esta capital e Picos a fim de dar trabalho a

¹⁶ FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. Cassacos. Trabalhadores na lida contra a fome e a degradação nas obras públicas em tempos de secas. (Ceará, anos 1950). 2016. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bahia, 2016.p.46.

todos aqueles retirantes- antecipo agradecimentos e atenção.
Saudações atenciosas Leônidas Melo – Intervertor Federal¹⁷.

Através desse telegrama, identificamos uma situação ao qual parte da população se sentia acuada com a presença de inúmeros migrantes, e que o governo deveria tomar providências. O autor Frederico de Castro Neves¹⁸ trata esse pânico da população como uma medida de pressão às autoridades políticas e que os mesmos promovessem um maior número de alistamentos para tirar os retirantes das ruas e os colocarem nos canteiros das obras.

Os processos de alistamento se davam por enormes filas, ao qual um encarregado do órgão ficava responsável por coletar nome, idade, estado civil, documentos e quantidade de filhos, porém na maioria das vezes só eram registrados os nomes e a idade. Os trabalhadores recebiam uma caderneta para registrar as faltas e presenças, mas a mesma ficava na posse do encarregado do DNOCS, que anexava essas informações. Esses dados são constados a partir da análise dos registros e folhas de pagamentos do DNOCS no Piauí e das comparações de como eram feitos os registros em outros estados.

De início, os retirantes já presenciavam uma clara relação de hierarquia, já que o apontador, encarregado dos alistamentos, era o mesmo que posteriormente regularia faltas e presenças, computando, através disso, o pagamento semanal. Era bem possível que alguns funcionários do DNOCS, que sabiam ler e escrever, e, muitas vezes, tinham qualificação técnica, acreditassem ter “ares de importância” diante das pessoas que não lembravam ao certo sua idade e tinham como hábito abreviar o nome. Mas não somente apontadores, como também engenheiros, enfermeiros, profissionais da administração e do escritório, feitores de turma, feitores gerais, fiscais e até

¹⁷ Telegrama ao Ministro General Mendonça Lima – Ministério de Viação de Obras Públicas RIO DF.

25 TEREZINA -PI 1167 111 26 – 1950

¹⁸ NEVES, Frederico de Castro. A Multidão e a História.

guardas, eram arregimentados pelo órgão para organizar os afazeres da construção e a massa de trabalhadores braçais.¹⁹

É importante ressaltar que havia toda uma equipe do DNOCS, responsável por coordenar os serviços, geralmente compostas por engenheiros, agrônomos, botânicos, pedologistas, geólogos e hidrólogos, que ficavam em lugares diferentes dos trabalhadores, mantendo assim uma hierarquia. Nos primeiros anos de criação do órgão (1909), o presidente do mesmo, o engenheiro Arrojado Lisboa, trouxe técnicos estrangeiros para estudar os limites do solo e o semiárido do Nordeste. Para mais, as preocupações maiores deveriam estar ligadas a estrutura socioeconômica das regiões nordestinas.

Ainda que houvessem recursos destinados para as obras, a quantidade de dinheiro recebida pelos trabalhadores era mínima e a sua alimentação precária, não possuíam nutrientes necessários para dar a força necessária aos sertanejos. O autor Paulo Guerra retrata em suas memórias, que as refeições eram apenas “um punhado de farinha e um quarto de rapadura” ou serviam “feijão-fervido acompanhado de farinha e rapadura”²⁰.

As mulheres também exerceram o seu papel nas lidas das frentes de serviços. Enquanto algumas preferiam ficar em suas terras com seus filhos a espera de seus maridos, se virando como podiam, outras se alistavam nos trabalhos de obras públicas. Algumas trabalhavam fazendo as refeições para os obreiros e suas respectivas famílias, chamadas de “barraqueiras”, outras trabalhavam como ajudante de servente. E tinham aquelas que também ajudavam a roçar e limpar as estradas. É possível constar esse fato através dos nomes e funções presentes nas folhas de pagamentos do DNOCS-PI²¹.

¹⁹ FERREIRA, 2016, p.78.

²⁰ GUERRA, Paulo. *A civilização da seca*: Nordeste é uma história mal contada. Fortaleza: DNOCS, 1981, p.137

²¹ Documentação encontrada no Acervo de Teresina - PI.

No entanto, é sabido que jogos de interesses políticos sempre estiveram presentes em todas essas atuações desenvolvidas pelo DNOCS ou órgãos parceiros. Para um maior entendimento e ampliação das discussões, essa política de troca de favores entre fazendeiros e governantes, não se esquivaram nesse processo de alistamento de trabalhadores.

Ainda com as políticas anti-migratorias, citadas anteriormente, o Piauí ainda possuía um grande numero de pessoas que se deslocavam para o sudoeste, em busca de melhores condições de vida. Existia um grande interesse dos coronéis de manter a população nas políticas assistências do governo, estabelecendo acordos, para conseguirem ter um controle em massa do eleitorado piauiense.

Seca, no rigor léxico, significa estiagem, falta de umidade. Da chuva provém a água necessária à vida na terra. O problema das secas, assim encarado, simplesmente o problema d'água; isto é, do seu suprimento. Mas a palavra seca, referida a uma porção de território habitado pelo homem, tem significação muito mais compreensiva, com efeito, o fenômeno físico da escassez da chuva influi no homem de uma região pela alteração profunda das condições econômicas que se refletem na ordem social. Assim encarada, a seca é um fenômeno muito vasto, de natureza tanto física como econômica e social. O problema das secas é, portanto, um problema múltiplo. Verdadeiramente não há um problema, há problemas²².

As políticas públicas, instituídas pelo governo deixaram muitas vezes a desejar, pois muitas de suas verbas eram utilizadas por políticos, causando um grande problema social. Afinal enquanto a sobrevivência de uns custavam, um trabalham degradante, outros trabalham de forma degradante, e outros, ainda,

²² Miguel Arrojado Ribeiro Lisboa. Conferência pronunciada em 1913. SOUZA et al., 1980, p. 110 apud FERREIRA, 1993, p. 13.

se aproveitavam dos períodos de estiagens para crescerem economicamente e politicamente.

Desde que os pesquisadores começaram a investigar sobre a história de vida de pessoas comuns, abre se um leque de possibilidades de feitos históricos através da vida desses indivíduos e grupos sociais. “Podem desempenhar um papel importante neste processo, recordando-nos que a nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros e generais”²³.

A partir dos relatórios anuais, telegramas, escalas, folhas de pagamentos das construções de rodovias, açudes, escavação de poços, que eram registrados pelos diretores gerais do DNOCS, conseguimos fazer um delineamento do dia a dia dos trabalhadores.

Depois que conseguiam se alistar ao serviço, eram divididos em grupos para dar início ao trabalho. Através das folhas de pagamentos é possível identificar que cada trabalhador, ou grupo, se responsabilizava por uma função diferente. Embora quase todo o trabalho fosse braçal. As máquinas eram administradas por aqueles que já tinham um conhecimento específico, para manuseá-las.

Tabela 1 – Relatórios de como eram as construções de estradas

<i>Limpeza de Valetas:</i>
<i>Roçagens a foices na faixa de (metros para cada um lado da rodovia)</i>
<i>Rodovia (Construção)</i>
<i>Serviços Preparatórios:</i>
<i>Instalação de 40 barracas de palhas para operários</i>

²³ BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992, p. 60.

Construção do caminho de Serviço

Construção da cerca de arames farpados, com 4 fios

Limpeza e preparo de terrenos no local dos empréstimos da piçarras

Roçagem e Limpeza em capeirão na faixa de 10m para cada lado do eixo da rodovia

Construção de caminho de serviço, com trator equipado com bulldozer

Fonte: Acervo de DNOCS- Teresina Piauí

Tabela 2 – Relatórios de como eram as construções de estradas

Pedreira:

Extração de Pedras em blocos com emprego de explosivos, perfuração manual e deslocamento a alavancas e aparelhamentos a ponteiros de aço, inclusive as cargas, transporte e descarga de caminhões

Abastecimento de água:

Transporte de água em animais, nas distancias media de 1.500 m.

Rodovia (Conservação)

Escavação e transporte de terra ordinária a carrinhos de mão, na distância media de 40m, para a reconstrução dos aterros.

Espalhamento da terra a enxada. Produção em material solto.

Fonte: Acervo de DNOCS- Teresina Piauí.

Tabela 3 – Relatórios de como eram as construções de estradas

Revestimento

Escavação, carga, transporte e descarga de piçarra, em caminhões particular, na distância media de 2.200 m. Produção em material solto

Espalhamento de piçarra a enxada. Produção em material sôlto

Apiloamento manual de piçarra com malho de madeira. Produção em material solto

Fonte: Acervo de DNOCS- Teresina Piauí.

Tabela 4 – Relatórios de como eram as construções de estradas

Plataforma em corte:

Corte em Terra em ordinária, com trator equipado com Bulldozer, na profundidade média de 0,80 m.

Corte em rocha branda com perfuração mecânica e deslocamento a alavancas, com redução de blocos maiores a marrão, na profundidade media de 2,50 com bota fora a carrinho de mão, na distância média de 20 mts. Produção em material solto.

Fonte: Acervo de DNOCS- Teresina Piauí.

Tabela 5 – Relatórios de como eram as construções de estradas

Fabricação de Cerâmicas:

Operação:

Fabricação de manilhas de 0,75mx,05 de diâmetro, traço 1:3:4,5

Moldagem de ferros para manilhas de 075,mx, 0,90 de diâmetro

Fabricação de manilhas de 1,05mx,90m de diâmetro, traço 1:3:4:5

Moldagem de ferros para manilhas de 1,050mx0,90 de diâmetro.

Fonte: Acervo de DNOCS- Teresina Piauí.

Ao analisarmos essas fontes, compreendemos que o serviço realizado pelos trabalhadores na construção de estradas consistia em um trabalho muito pesado, desde a limpeza até a conclusão das rodovias. Nesses relatórios encontramos também serviços que eram feitos com os moldes das mãos como a

construção de cerâmicas e serviços de marcenaria, isso deixa claro os talentos dos trabalhadores.

Vimo-lo a cavar dreno em solo empedernido onde a picareta resvala e não penetra mais de um centímetro a cada golpe, sob o sol escaldante do meio-dia, com a temperatura do solo superior a cinquenta graus... Vimo-lo destocando, quebrando pedra, cavando barro, carregando caminhões, construindo aterros a carrinhos de mão ou retirando terra e lama das valas de drenagem, atolado na lama quente até as coxas²⁴.

Em relação à estruturação da rodovia de Fortaleza-Teresina, trecho Piripiri, encontramos um telegrama do engenheiro chefe da comissão, João Martins do Rêgo. No qual ele pede a administração central o envio de uma ambulância e material de primeiros socorros, para os trabalhadores, pois acabavam muitas vezes se machucando diante dos serviços duros aos quais eram expostos, e muitas vezes sem contarem com as ferramentas de segurança de trabalho.

Durante o século XX, e particularmente nas décadas de 1940-1950, as secas continuaram a causar devastação na região nordeste do Brasil, resultando em fome, miséria, epidemias. Ainda que com o avanço do conhecimento sobre esse fenômeno natural e suas causas, a sociedade e os governantes falharam em lidar adequadamente com suas consequências.

Os Períodos de estiagem refletem uma série de problemas estruturais e sociais, incluindo negligência por parte das autoridades governamentais, falta de investimento em infraestrutura para mitigar os impactos das secas, desigualdades socioeconômicas que deixavam as populações mais vulneráveis à mercê das condições climáticas adversas. Para além, compreensão do problema como um todo era frequentemente dificultada por visões simplistas

²⁴ GUERRA, Paulo. A civilização da seca. Op., p. 137.

ou preconceituosas sobre o nordeste e seus habitantes, levando à criação de estereótipos que não levam em consideração as complexidades das situações enfrentadas pelas regiões afetadas pelas secas.

O Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) desempenhou um papel importante no desenvolvimento de estudos e na implementação de infraestrutura para armazenamento de água, assim como também desenvolveu outros projetos entre eles rodovias, ferrovias, projetos de irrigação visando mitigar os impactos causados pelas secas.

Entretanto, ainda existia muita precariedade e sofrimento entre os sertanejos. A pobreza extrema dos retirantes, aqueles que eram forçados a deixar suas terras em busca de melhores condições de vida, causava dor e comoção naqueles que testemunhavam suas lutas e dificuldades. A falta de recursos, políticas inadequadas e desigualdades estruturais contribuíam para a continuidade do sofrimento das comunidades.

Portanto, a exploração da seca para ganho pessoal resultava em uma distribuição inadequada dos recursos disponíveis, o que privava aqueles que realmente necessitavam do acesso pleno aos auxílios a que tinham direito. A negligência por parte do governo e dos políticos em lidar efetivamente com a situação contribuía para a ampliação da pobreza e do sofrimento das comunidades.

Para muitos retirantes, exaustos pela fome e pelas condições precárias de vida, a oportunidade de trabalho nessas obras representava uma chance de sobrevivência, mesmo que implicasse em um ambiente problemático e em um serviço que demandava um imenso esforço físico. Muitas vezes em tarefas diferentes daquelas a que estavam habituados, em um cotidiano marcado pela imposição de horários e disciplina.

Os salários oferecidos eram geralmente baixos em relação a quantidade de trabalho e o ambiente insalubre das obras contribuía para o adoecimento de muitos trabalhadores. A exploração e a vulnerabilidade enfrentadas pelos cassacos nas obras do DNOCS, onde a necessidade de subsistência muitas vezes os levava a aceitar condições de trabalho desumanas e inadequadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Romulo de Paula. **Contribuições para um debate: a antropologia do desenvolvimento e avalorização econômica da Amazônia (1951-1955)**. Cadernos do desenvolvimento, Rio de Janeiro, v. 10, n. 16, p.53-72, jan.-jun., 2015.

———. **Vencidas a distância e floresta!: A Transbrasiliana e a Amazônia desenvolvimentista**. Tempo, Niterói, v. 25, n. 2, p. 363-381, ago., 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino – de problema a solução (1877-1922)**. Dissertação – (Mestrado em História do Brasil) – Unicamp, Campinas, 1988.

———. **Nos destinos da fronteira: histórias espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

ALMEIDA, Beto. **O século do DNOCS**. Revista Conviver Nordeste Semiárido. V. I. N. "6 DNOCS/BNB-ETENE, 2009.

ALMEIDA, José Américo. **Secas no Nordeste**. Ministério da Viação e Obras Públicas. 1953.

AMADO, Janaina. **Região, Sertão e Nação**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Rômulo de Paula. **A Amazônia na Era do desenvolvimento: saúde, alimentação e meio ambiente. (1946-1966).** Tese – (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2012.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. **Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina-Piauí.** EDUFPI, 2010.

BARREIRA, Luciano. **Os Cassacos.** Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1976.

Boletim. **Acervo do DNOCS - OS trabalhos de escritórios (cálculos e cadernetas, desenhos e projetos) -1948.** Ministério da viação de Obras Públicas.

Boletim. **Registro dos Salários dos Funcionários. 1942-1950.** Ministério de viação de obras públicas.

BRESCIANNI, Maria Stella. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza.** 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DOMINGOS NETO, Manuel. **Seca seculorum, flagelo e mito na economia rural piauiense.** Teresina: Fundação CEPRO, 1983.

DE CASTRO FERREIRA, Lara Vanessa. **"Cassacos: trabalhadores na lida contra a fome e a degradação nas obras públicas em tempos de secas (Ceará, anos 1950)."** 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da medicina social.** In: Machado R, (org.). *Microfísica do poder.* São Paulo: Graal; 1984. p. 79-98.

FRANCO REIS, José Roberto. **"Viver é influenciar": Mário Magalhães, sanitariano desenvolvimentista e o campo intelectual da saúde pública (1940-1960).** *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 27, n. 2. p – 279-304, 2015.

FURTADO, Celso. **A fantasia desfeita.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GORELIK, Adrián. **A produção da “cidade latino-americana”**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 1. junho de 2005.

GUERRA, Paulo de Brito. **Açudes públicos do Nordeste, relação dos reservatórios construídos até 1981**. Fortaleza: DNOCS, 1982.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**. São Paulo: Hucitec; 2013.

MENDES, Felipe. **Economia e desenvolvimento do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Imprensa e imagens: a construção de representações do Piauí e de Teresina através de jornais diários na década de 1970**. Clio – Revista de Pesquisa Histórica. Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. **Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970**. Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH, vol. 27, n. 53, jan. – jun., 2007.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à constituição de 1988**. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RELATÓRIO. **Perfuração de poços Tubulares** – Ficha Individual. 1940-1950.

RÉMOND, René. **Por uma história política**. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. 2.ed. São Paulo: HUCITRC, 1979.
Telegramas anexados aos relatórios.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VELOSO, Fernando A. VILLELA, André. GIAMBIAGI, Fabio. **Determinantes do “Milagre” Econômico Brasileiro (1968-1973): Uma Análise Empírica**. Revista Brasileira de Economia – RBE. Rio de Janeiro v. 62 n. 2 / p. 221–246 Abr-Jun 2008.

VIEIRA, Tamara Rangel. **Uma clareira no sertão? saúde, nação e região na construção de Brasília (1956-1960)** / 171 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2007.